



## A DISSOCIAÇÃO DAS NOÇÕES E A DISSOLUÇÃO DO CASAMENTO NAS PALAVRAS DE JESUS

Marcelo SILVEIRA<sup>1</sup>  
Vanessa YIDA<sup>2</sup>

**RESUMO:** A Bíblia, por sua natureza plural e por seu conteúdo tão singular, é um conjunto de livros, portanto de discursos, repleto de material para tantas e tantas teorias de análise discursiva. A Retórica, por sua vez, é uma das áreas disponíveis para que o leitor faça uma leitura, digamos, menos inocente do texto. Sendo assim, escolhemos, para estudar a retórica bíblica, a dissociação das noções, principalmente baseada no *Tratado da argumentação: a nova retórica*, de Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca. Essa teoria foi aplicada às falas de Jesus, que aparecem em alguns livros constantes no Novo Testamento. Neste trabalho, iniciamos a pesquisa analisando somente a fala de Jesus narrada na perícopre intitulada “A questão do divórcio” (MATEUS, 19.3-12), bem como a que a precede, “Jesus atravessa o Jordão” (MATEUS, 19.1-2), que ajudam a refletir sobre o auditório; esses textos encontram-se organizados em edições disponíveis pela tradução Revista e Atualizada, de João Ferreira de Almeida.

**PALAVRAS-CHAVE:** Argumentação. Dissociação das Noções. Jesus. Divórcio.

## THE DISSOCIATION OF NOTIONS AND THE DISSOLUTION OF MARRIAGE IN THE WORDS OF JESUS

**ABSTRACT:** The Bible, by its plural nature and its so unique content, is a set of books, therefore speeches, full of material, for so many theories of discourse analysis. Rhetoric, in its turn, is one of the areas available for the reader to make a less innocent, let us say, reading of the text. Thus, we chose the dissociation of notions, mainly based on the argument of *The New Rhetoric: A Treatise on Argumentation*, by Chaim Perelman and Lucie Olbrechts-Tyteca, to study biblical rhetoric. This theory was applied to the sayings of Jesus, that appear in some books contained in the New Testament. In this work, we started the research analyzing only speaks of Jesus narrated in the passage entitled “Concerning divorce” (MATTHEW, 19.3-12), as well as “Jesus crosses the Jordan” (MATTHEW, 19.1-2),

---

1 Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo – USP. Atualmente é professor da Universidade Estadual de Londrina – PR. Endereço eletrônico: <celosilveira@gmail.com>.

2 Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina. Endereço eletrônico: <vanessayida@yahoo.com.br>.

which help to think on the auditorium; these texts are organized in editions available by João Ferreira de Almeida's translation Revised and Updated (in Portuguese).

KEYWORDS: Argumentation. Dissociation of notions. Jesus. Divorce.

## A UNIÃO DE DOIS MUNDOS

Nesta proposta, dois mundos se encontram: a Bíblia, com seus livros todos e tantos ensinamentos, e a Retórica, com seus tantos modos de ver o discurso e os seus argumentos.

No mundo bíblico, os preceitos de Cristo despontam, seja por meio de suas próprias palavras, transcritas ou contadas por outros interlocutores, seja pela vida que viveram aqueles que com ele estiveram e o seguiram, ou que conheceram sua história, passando a segui-lo. Despontar, nesse caso, é externar o modo de viver como Cristo; contudo, o despontar de tais preceitos pode também significar externar um modo de viver avesso ao de Cristo, pela própria base de comparação, que é Jesus.

Diante disso, ou seja, tendo em vista o dito ou o não dito, escolhemos as falas de Jesus como *corpus* de pesquisa para verificar a ocorrência de dissociação de noções e como isso acontece. O discurso de Jesus analisado foi aquele relatado pelo evangelista Mateus, colhido da tradução Revista e Atualizada, de João Ferreira de Almeida, disponibilizada no *site* da Sociedade Bíblica do Brasil (BÍBLIA, 2013), mais especificamente aquele contido no capítulo 19, do verso 3 ao 12, na perícopie intitulada "A questão do divórcio", com a ajuda da perícopie "Jesus atravessa o Jordão" (versos 1 e 2). Mesmo sem haver qualquer fala de Jesus a respeito do auditório, os trechos esclarecem questões acerca do assunto.

Cristo veio trazer sua mensagem de salvação. Como não era a mesma que o povo estava acostumado a ouvir e como Jesus pretendia a adesão dessas pessoas, era preciso que as verdades, as presunções, os fatos apregoados pelas religiões da época fossem modificados,

neutralizados, combatidos; uma das formas de se conseguir isso seria dissociando suas noções, para que os argumentos se revertissem em prol do discurso do Messias.

Nesse sentido, vejamos o que Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996 [1958]) discorrem sobre a dissociação das noções.

### DISSOCIANDO NOÇÕES

As falas de Jesus, escolhidas como *corpus* deste trabalho, podem parecer ao leitor que servirão apenas para aplicar a teoria da Dissociação das Noções, apregoada por Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996 [1958]). Entretanto, quando noções são dissociadas no discurso, há que se ter em mente que é com uma determinada finalidade; tal finalidade não é nada mais nada menos do que argumentativa, e é essa argumentação precisamente que é usada para fins persuasivos.

Tendo em vista a argumentação, entendemos que não é possível que ela aconteça sem que haja um acordo prévio entre os interlocutores, ou seja, uma premissa mínima que permita o início da conversação, da exposição, da discussão sobre um assunto. É somente a partir daí que os raciocínios começarão a se desenvolver. Tais premissas são divididas em dois tipos: o que está relacionado ao real (pode provir  *fatos, verdades* ou *presunções*) e o que é concernente ao preferível (*valores, hierarquias e lugares do preferível*) (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1996 [1958]).

Refutando a ideia de que há e deve haver somente uma linguagem lógica, baseada exclusivamente na demonstração e em seus silogismos, Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996 [1958]) discorreram sobre a existência de tipos de argumentos baseados nas ligações que podem existir entre as noções e assim os nomearam: (a) argumentos quase-lógicos (constituídos a partir da imagem dos princípios lógicos); (b) argumentos baseados na

estrutura do real (baseados no que o auditório acredita ser real); (c) argumentos que fundamentam a estrutura do real (generalizam o que é aceito em casos particulares).

Porém, as noções não são sempre associadas umas às outras pelo orador. Elas podem ser também dissociadas para fins argumentativos. Além dessas duas maneiras de usar as noções para argumentação, há uma terceira: trabalhar a interação entre elas.

Como já dito, nossas análises se fundamentaram nas dissociações. Elas se referem, por um lado, às rupturas de ligação, que têm a finalidade de desunir, dissociar, separar elementos que são considerados como um todo, ou, pelo menos, um conjunto solidário dentro de um mesmo sistema de pensamento; por outro, à dissociação de noções, que tem o objetivo de mostrar as diferenças nos conceitos dos dados que fundamentam a argumentação, tendo como consequência possível a modificação de tal sistema, no momento em que modificam algumas das noções que formam suas peças mestras (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1996 [1958], p. 215).

No entendimento de quem argumenta a favor da dissociação das noções, deve estar o fato de que há incompatibilidade entre as ligações, sejam elas normas, fatos ou verdades. Então, é preciso demonstrar seus inconvenientes, além de usar técnicas como a própria experiência real ou mental, a modificação das condições de uma situação e o exame isolado de certas variáveis (este mais usado em ciências).

*A ruptura de ligação e a dissociação das noções* são bastante diferentes entre si; porém, pode ser que essa diferença seja somente uma tênue linha. O que mostrará a distinção entre as duas será a situação argumentativa no todo, principalmente as noções nas quais a argumentação se apoia, os remanejamentos aos quais ela conduz e as técnicas que permitem operá-los (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1996 [1958], pp. 468-469).

Na prática, a *dissociação das noções* está relacionada a resolver dificuldades no plano da ação: evitar a ocorrência da incompatibilidade, diluí-la no tempo, sacrificar um dos

valores (ou os dois) que estão em conflito. Já no plano teórico, a solução encontrada vale também para o futuro, pois, reestruturada nossa concepção do real, ela tende a impedir o aparecimento da mesma incompatibilidade e a reagir sobre o conjunto de noções no qual se inseriu. Tal reestruturação do real requer grande esforço e necessita de difíceis justificações (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1996 [1958], p. 471).

Os autores ainda explicam tecnicamente a dissociação nocional, usando pares de termos correlativos, em que o termo I é o termo a ser dissociado e o termo II é o resultado da dissociação, representados da seguinte maneira:

$$\frac{\text{Termo I}}{\text{Termo II}}$$

É possível que o termo I possua incompatibilidades existentes entre seus aspectos, incompatibilidades estas que o termo II tenta resolver, determinando regras que possibilitem hierarquizar os múltiplos aspectos do termo I, “qualificando de ilusórios, de errôneos, de aparentes, no sentido desqualificador do termo, aqueles que não são conformes a essa regra fornecida pelo *real*” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1996 [1958], p. 471).

Um exemplo para esse esquema, por meio do que se considera o protótipo de toda dissociação nocional, é o par *aparência-realidade*:

$$\frac{\text{Aparência}}{\text{Realidade}}$$

Assim, o termo I, *aparência*, dependendo de como é considerado, apresenta certas incompatibilidades, pois nem todas podem ser vistas como expressões da *realidade*, termo II.

Isso se dá ao se considerar que todos os aspectos do *real* são compatíveis entre si. Assim, “enquanto as aparências podem opor-se, o real é coerente: sua elaboração terá como efeito dissociar, entre as aparências, as que são enganosas das que correspondem ao real” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1996 [1958], p. 472).

Ao analisar os termos, notam-se certas características. O termo I tem caráter equívoco, significado e valor indecisos; ele pode ser conforme o objeto e até confundir-se com ele; contudo, pode também induzir ao erro. Se não se duvidar do termo I, ele pode ser entendido como expressão do termo II; se, por outro lado, aspectos do termo I forem incompatíveis, isto é, não puderem ser aceitos todos ao mesmo tempo, haverá uma dissociação entre os aspectos enganosos e os que não são.

A oposição entre termo I e II parece reservar todas as vantagens para o termo II, pois ele é construído em detrimento do termo I, que é dado. Por outro lado, o conhecimento do termo II é indireto, por vezes até impossível e dificilmente comunicável de modo exaustivo e indiscutível, o que, para alguns, o torna inapreensível. Dessa forma, quando o termo II não é contestado, não é controverso, fica indubitavelmente valorizado em relação ao termo I; porém, essa valorização pode deixar de existir, já que a própria dissociação entre os termos pode ser rejeitada por outras teorias, as quais podem constatar alguma oposição entre concepções internas ao termo II.

Além disso, é preciso lembrar que “a dissociação exprime uma visão de mundo, estabelece hierarquias, cujos critérios se esforça por fornecer. Isso não se dá sem o concurso de outros setores do pensamento” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1996 [1958], p. 477). Assim, é comum que uma discussão sobre o termo II de um par se apoie em outro par, cujos termos I e II não sejam controvertidos.

Dessa forma, esclarecida a teoria, é possível elencar algumas ocorrências de dissociação das noções no discurso de Jesus relatado pelo evangelista Mateus.

## A DISSOCIAÇÃO DAS NOÇÕES NA PERÍCOPE “A QUESTÃO DO DIVÓRCIO”

A *definição*, por exemplo, é argumento quase-lógico, porém é também instrumento de dissociação nocional, principalmente quando pretende fornecer o sentido verdadeiro, real da noção, oposto ao seu uso habitual (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1996 [1958], p. 504).

Nessa direção é que nos lembramos da perícope que trata da questão do divórcio (MATEUS, 19.3-12, *itálico nosso para as falas de Jesus*):

*A questão do divórcio*

Mc 10.2-12; Lc 16.18

<sup>3</sup> Vieram a ele alguns fariseus e o experimentavam, perguntando: É lícito ao marido repudiar a sua mulher por qualquer motivo?

<sup>4</sup> Então, respondeu ele: *Não tendes lido que o Criador, desde o princípio, os fez homem e mulher*

<sup>5</sup> *e que disse: Por esta causa deixará o homem pai e mãe e se unirá a sua mulher, tornando-se os dois uma só carne?*

<sup>6</sup> *De modo que já não são mais dois, porém uma só carne. Portanto, o que Deus ajuntou não o separe o homem.*

<sup>7</sup> Replicaram-lhe: Por que mandou, então, Moisés dar carta de divórcio e repudiar?

<sup>8</sup> Respondeu-lhes Jesus: *Por causa da dureza do vosso coração é que Moisés vos permitiu repudiar vossa mulher; entretanto, não foi assim desde o princípio.*

<sup>9</sup> *Eu, porém, vos digo: quem repudiar sua mulher, não sendo por causa de relações sexuais ilícitas, e casar com outra comete adultério [e o que casar com a repudiada comete adultério].*

<sup>10</sup> Disseram-lhe os discípulos: Se essa é a condição do homem relativamente à sua mulher, não convém casar.

<sup>11</sup> Jesus, porém, lhes respondeu: *Nem todos são aptos para receber este conceito, mas apenas aqueles a quem é dado.*

<sup>12</sup> *Porque há eunucos de nascença; há outros a quem os homens fizeram tais; e há outros que a si mesmos se fizeram eunucos, por causa do reino dos céus. Quem é apto para o admitir admita.*

Jesus, provocado por fariseus a respeito da licitude de o marido repudiar sua mulher por qualquer motivo, lembrou-lhes o que as escrituras judaicas diziam. Porém, os provocadores questionaram sobre o fato de Moisés ter “mandado” dar carta de divórcio e de repúdio. Nesse momento, Jesus contra-argumenta não usando o mesmo verbo que os fariseus, mas trocando-o por “permitiu”. Ao fazer assim, utiliza-se do recém-explicado protótipo de toda dissociação nocional: o par *aparência-realidade*. Semioticamente falando, temos as modalidades veridictórias que articulam o ser e o parecer (FIORIN, 2000, p. 180). Ao responder com “permitir” em vez de “mandar”, Jesus, aos ouvidos dos mais atentos, desqualifica o discurso dos fariseus – que foi enunciado como verdade (pois foi proferido com caráter de ser e parecer) –, fazendo-o ser mentira (quando algo parece, mas não é) até que se torne falsidade (momento em que o que era e parecia passa a não ser nem parecer).

Toda a carga semântica conceitual atirada contra Jesus é absorvida e devolvida, carregada de outro sentido. A prescrição atribuída a Moisés (manifestada pela sobremodalização do dever fazer e não poder fazer) é respondida com a permissão (manifestada pelo não dever, pelo não fazer e pelo poder fazer). Nota-se que as sobremodalizações são manifestadas exatamente pelos contrários. Jesus dissociou uma noção, dando-lhe o tom de aparência e transformando-a, por meio de mudança lexical (e, conseqüentemente, semântica), em realidade.

Contudo, para perceber essa dissociação, era preciso atenção por parte do auditório, que, nesse episódio, era composto pelos fariseus (19.3), pelos discípulos (19.10) e por uma grande multidão (19.2). Considerando a multidão, é possível que não tenham ouvido ou percebido o jogo de palavras; os que ouviram, e possivelmente perceberam, foram os discípulos e os fariseus, auditório-alvo naquele momento.

Na sequência da narrativa, quando Jesus diz que é adultério repudiar sua mulher sem que tenha havido relações sexuais ilícitas, os discípulos acabaram concluindo que o



melhor é não haver casamento, ao que Cristo respondeu: “Nem todos são aptos para receber este conceito, mas apenas aqueles a quem é dado” (MATEUS, 19.11). Aqui, Jesus apresenta o termo *conceito*, que é *ensinamento* para a Nova Tradução na Linguagem de Hoje e *palavra* para a Almeida Corrigida e Revisada Fiel; em grego, encontramos λόγος (*lógon*) (WILSON, 1864, s.v. *Matthew* 19.11).

Jesus havia acabado de curar os doentes (MATEUS 19.2), o que, certamente, era fenômeno mais do que eficaz para que se provocasse ou aumentasse a adesão dos espíritos às teses que pudessem vir a ser propostas. A multidão e os discípulos já o seguiam; então, estavam predispostos a aceitar as teses de Jesus. Porém, havia os fariseus, provocativos, procurando fazer o Messias entrar em contradição, o que poderia abalar todo um trabalho de convencimento, mesmo depois das curas, visto que o Mestre poderia ser considerado feiticeiro, se a *Deuteronômio* 18.9-12 fosse aludido:

Quando entrares na terra que o SENHOR, teu Deus, te der, não aprenderás a fazer conforme as abominações daqueles povos. Não se achará entre ti quem faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro; nem encantador, nem necromante, nem mágico, nem quem consulte os mortos; pois todo aquele que faz tal coisa é abominação ao SENHOR; e por estas abominações o SENHOR, teu Deus, os lança de diante de ti.

Persuadir os fariseus poderia não ser o objetivo de Jesus, mas se precaver contra eles estava certamente em pauta. O significado de *fariseu* (do hebraico פרושים) é “separado”, “isolado”. Tal alcunha se deu por eles conhecerem muito a lei mosaica e se considerarem separados daqueles que não a conheciam tanto ou tão bem (SCHACH, 2007, pp. 15-16). Nesse sentido, Mateus os descreve dando a entender que eram adversários de Jesus. Quando então o Messias respondeu aos discípulos: “Nem todos são aptos para receber este conceito,

mas apenas aqueles a quem é dado” (MATEUS, 19.11), ao tratar do divórcio, os fariseus também ouviram; a mensagem do discurso estava relacionada diretamente a eles.

Bratcher (2013, s.v. *Mateus 19.11*) explica que o verbo grego para “nem todos estão aptos” significa “ter lugar (para)” alguma coisa, “aceitar”, “concordar com”. O autor, na continuação, apresenta outras traduções para o trecho: “Nem todos podem compreender isto”, “Este ensino não é para todos”, “Nem todos têm condições para receber esta palavra [...] este ensinamento”. Com relação ao trecho final da citação do versículo 11, Bratcher (2013) apresenta, para “aqueles a quem é dado”, a hipótese de um Deus, que é agente da passiva (por Deus) ou, também, “apenas os que receberam esse dom”. Termina a explicação desse versículo apresentando um modelo de tradução: “Somente as pessoas (ou os homens) a quem Deus deu a capacidade de entender (ou seguir) este ensinamento é que são capazes de entendê-lo”.

Está claro que a mensagem enunciada aos discípulos tem como enunciatários também os fariseus. Sendo assim, estamos diante de objetos de acordo pertencentes ao real, que podem ser *presunções*, *fatos* ou *verdades*. Se Jesus estivesse pensando seu discurso como *presunção*, precisaria de que essa adesão fosse reforçada, visto que a adesão à *presunção* não é necessariamente máxima. Ele também pode considerar o discurso como apresentando um fato, porém correria um risco desnecessário, visto que, segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca, há

[...] dois modos normais para que um acontecimento perca o estatuto de fato: quando são levantadas dúvidas no seio do auditório ao qual ele fora apresentado e quando se amplia esse auditório, acrescentando-lhe outros membros cuja qualidade para julgar é reconhecida e que não admitem que se trata de um fato. (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1996 [1958], p. 76.)

Há possibilidade de que um dos dois (ou os dois) modos possa(m) acontecer, haja vista que: (a) o próprio discurso de Jesus, logo de início, inclui uns e exclui outros, e que (b) o fato poderia não ser comum a todos. Então, torna-se mais interessante e importante Jesus considerar seu discurso como uma verdade, e o cristianismo realmente entende que Jesus veio ao mundo para falar verdades; o próprio Cristo diz isso a Tomé em João 14.6: “Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida [...]”. Essa verdade entra em cena para ser incompatível com um fato conhecido, aventado pelos fariseus: o episódio de Moisés já relatado aqui. É um fato (e fato comum a todos os presentes naquela conversa!) relatado em Deuteronômio 24.1-4. Além disso, é uma verdade, pois é considerando assim que os fariseus liam a Torá, não aceitando o afastamento dos seus ensinamentos e sua manipulação; lembrando que os fariseus “são considerados destacados dos demais no exato conhecimento das leis do seu país” (JOSEFO, 1737, p. 12, tradução nossa), com especial destaque para os mandamentos que Deus deu a Moisés.

Nesse contexto, seria preciso que Jesus trabalhasse a incompatibilidade entre normas, fatos ou verdades. Seria preciso demonstrar os inconvenientes dessas premissas relacionadas ao real. Primeiramente, Jesus não deveria estar interessado em somente *romper ligações*, por parecer uma atitude paliativa, que, talvez em pouco tempo, pudesse ser desfeita. Ele deveria, sim, querer *dissociar noções*; pois, no papel de homem que argumenta, estava diante de homens que também conheciam as leis judaicas, e isso poderia trazer dificuldades no plano da ação; outro motivo é que Jesus precisava evitar a incompatibilidade: o discurso dos fariseus ia de encontro ao discurso de Jesus, que, nessa passagem, estava sendo provocado. Jesus precisava dar um basta nisso, mas verdades não são desfeitas de uma hora para outra; seria preciso diluí-las no tempo, e aquele momento (sem considerar a análise de outras perícopes) poderia ser o início que, provavelmente, levaria a solução para o futuro.

Enfim, a técnica deve fazer prevalecer o sacrifício de um dos valores que estão em conflito, e o valor, é claro, está relacionado aos fariseus.

Para finalizar o debate sobre o divórcio, Jesus desqualifica os fariseus não mais dissociando as noções apresentadas por eles, mas simplesmente dissociando os próprios fariseus das noções apresentadas por ele. Ao dizer que “nem todos são aptos para receber este conceito, mas apenas aqueles a quem é dado”, Jesus os coloca na posição de não ter capacidade para entender ou seguir o conceito/ensinamento em pauta, ou seja, eles não estão entre aqueles a quem o conceito é dado.

Esta é mais uma das mensagens de Jesus de difícil compreensão, mesmo para aqueles que sempre estavam com ele. A multidão que o seguia era certamente o exemplo da *doxa*, explicada assim por Charaudeau e Maingueneau (2004, s.v. *doxa*): “designa a opinião, a reputação, o que dizemos das coisas ou das pessoas. A *doxa* corresponde ao sentido comum, isto é, a um conjunto de representações socialmente predominantes, cuja verdade é incerta, tomadas, mais frequentemente, na sua formulação linguística corrente”. Os autores dizem, ainda, que, para Aristóteles, *endoxa* (do grego ἔνδοξα), como chamava, eram opiniões partilhadas por todos os homens, ou pela maioria, ou ainda pelos mais esclarecidos.

Jesus estava diante de auditórios diferentes: por um lado, a multidão, um auditório que podemos caracterizar pela *doxa* e que não parecia atrair o desejo de persuasão do Messias, pois, aparentemente, o interesse dela estava apenas nas curas que Jesus fazia, e não na mensagem que ele lhes queria ensinar a viver; por outro lado, os discípulos e os fariseus, auditórios particulares, em lados opostos, argumentativamente falando: aqueles a fim de aprender o que Jesus tinha a ensinar; estes com o intuito de fazer Jesus se contradizer de alguma forma. À multidão, com suas opiniões genéricas, Jesus praticou curas. O momento era para deixar ensinamentos aos discípulos. Assim, a estes valiam os argumentos (inclusive para dissociar noções que podiam reverberar da “conversa” com os fariseus); era a ocasião de

mostrar que havia chegado um novo tempo, em que as leis do passado não faziam mais sentido.

Não era fácil, como se pode notar, mudar conceitos, principalmente aqueles que vêm do berço, da religião, das convicções. São conceitos arraigados. Jesus não fez questão de se sentar e conversar com os fariseus, tentando explicar que essas convicções prévias precisavam ser mudadas. Assim, ele fazia com os discípulos. A dissociação foi direta: “nem todos são aptos para receber este conceito, mas apenas aqueles a quem é dado” (MATEUS 19.11). O olhar de Jesus deve ter-se voltado aos discípulos; afinal de contas, o comentário sobre permanecer solteiro veio deles; entretanto, a mensagem não alcançava somente a eles. E, se havia pelo menos um pouco de seriedade nas palavras de Jesus (e entendemos que os fariseus não se importariam com a fala de um qualquer, não estariam perdendo o seu tempo, ou seja, Jesus era digno de ser ouvido por eles), elas os preocupavam, muito provavelmente, também, ao ouvir o texto do versículo 11, mencionado neste parágrafo, que os excluía do entendimento mencionado por Jesus.

A perícopé é finalizada com a menção de Jesus aos eunucos. O eunuco é

[...] propriamente ‘sozinho na cama’ (isto é, sem um parceiro de casamento) – literalmente, um homem castrado (emasculado); ‘um camareiro, vigia do quarto de dormir de um monarca oriental’ (Souter); (figurativamente) alguém que se priva do casamento (relações sexuais), para se dedicar exclusivamente a Deus – como em Mt 19:12, [em que] se refere a alguém que opta voluntariamente a uma vida de abstinência sexual. (BIBLE HUB, 2015, s.v. *Eunuchos*, tradução nossa)

Jesus também dá suas definições: “Porque há eunucos de nascença; há outros a quem os homens fizeram tais; e há outros que a si mesmos se fizeram eunucos, por causa do reino dos céus. Quem é apto para o admitir admita” (MATEUS, 19.12). Para o Mestre, há pessoas que já nascem com dificuldade ou impossibilidade de ação sexuada; há os que foram

castrados possivelmente contra a vontade, e há aqueles que, mesmo não tendo sido fisicamente mutilados, preferem a abstinência sexual para poder se dedicar ao reino de Deus (possivelmente falando dele próprio, neste caso).

Está aqui, mais uma vez, Jesus praticando a dissociação das noções. Antes de qualquer legalismo judaico/farisaico, Cristo ensina, mostrando possibilidades, sem obrigatoriedades. E mais uma vez finaliza sem muitas explicações. Ele não recorre, assim, às leis mosaicas; ele as ignora, deixa-as de lado, não as menciona explicitamente (apenas o faz no silêncio do discurso), aplicando isso tudo aos próprios fariseus que estavam ali ainda ouvindo os ensinamentos de Jesus aos discípulos.

Um paralelismo entre o desfecho dos versículos 11 e 12 nos aponta que (v. 11) não são todos que estão aptos a entender o conceito de que ele tratava, indicando que são “apenas aqueles a quem é dado”; o versículo 12, por sua vez, mostra que é preciso apenas “admitir”. No primeiro, não há querer; no segundo, o querer se faz presente.

Jesus queria a conversão dos fariseus? Parece difícil acreditar nisso, tendo em vista a dificuldade de persuadir pessoas com convicções tão arraigadas e, principalmente, aquelas que são declaradamente contrárias aos seus ensinamentos. Jesus, se considerado Deus encarnado, poderia atraí-los se quisesse; porém, a não conversão dos fariseus faz reforçar ainda mais a atitude pedagógica dele em relação aos seus discípulos, aos quais também se aplicam as dissociações das noções enunciadas nos versículos estudados.

Jesus queria a conversão da multidão? Parece difícil também acreditar nisso, visto que a multidão não parecia querer ouvir o que Jesus tinha a dizer, mas, tão somente, se aproveitar dos milagres que realizava. A cura parecia acontecer somente para acalmar os ânimos deles, dar-lhes conforto, alento, paz. Ensiná-los da mesma forma que Jesus ensinava os discípulos demandaria outro tipo de pedagogia. Da mesma forma, como Deus encarnado,

não poderia Cristo desencadear a conversão daquela multidão naquele momento? Assim, parece que também não era esse o seu objetivo.

Ele estava voltado aos discípulos mesmo.

## TECENDO CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os exemplos de dissociação das noções extraídos das falas de Jesus via perícopes de Mateus 19.3-12, que trata da questão do divórcio, são poucos, mas bastante profícuos, mesmo comparando-os, por exemplo, à análise feita sobre “A dissociação das noções no discurso religioso (neo)pentecostal” (SILVEIRA, 2016), em que são analisadas falas de líderes de igrejas pentecostais e neopentecostais, com foco na Teologia da Prosperidade.

Aqui, em episódio bastante curto, Jesus, em um dos fatos de sua história de evangelização, trata de mostrar que a mensagem que ele trazia tinha bastante diferença em relação àquela que o povo estava acostumado a ouvir e a viver. Para que sua palavra fosse ouvida, compreendida e vivida, era preciso mostrar que as noções, os fatos e as verdades inculcados no auditório até aquele momento precisavam ser revistos. Dessa maneira, foi preciso que Jesus, nessa perícopes, se utilizasse da dissociação das noções para que ao menos seus discípulos aprendessem um novo modo de ver o Reino de Deus.

A dissociação das noções, constante no *Tratado da Argumentação*, foi utilizada nas análises dos recursos retórico-argumentativos escolhidos para tratar da questão do divórcio relatado pelo evangelista Mateus, no capítulo 19, versos 3 a 12. Pudemos notar que, apesar de pouco falar, Jesus trata de dissociar noções como método argumentativo com fins persuasivos, no mínimo, em três momentos diferentes: (a) ao responder aos fariseus sobre o fato de Moisés ter sido a favor do divórcio; (b) no momento em que diz que nem todos estão

aptos para entender aquele conceito que ensinava, e (c) no silêncio do discurso, quando Jesus fala dos eunucos.

Além de mostrar o que foi dito, revelado pelas análises, é intenção também do presente trabalho divulgar as teorias argumentativas, a fim de que haja um maior aproveitamento das questões discursivas, de modo que isso ajude o auditório deste discurso a ter conhecimento do que uma leitura retórica pode proporcionar para suas vidas e passe, portanto, a se interessar mais por elas, bem como a usá-las e a ensiná-las.

## REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Português. *A Bíblia sagrada: Almeida Revista e Atualizada (ARA)*. Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013. Disponível em: <http://www.sbb.org.br/>. Acesso em: 15 ago. 2016.

BIBLE HUB. *Eunouchos*. Glassport, PA, EUA: Bible Hub, 2015. Disponível em: <http://biblehub.com/greek/2135.htm>. Acesso em: 8 maio 2016.

BRATCHER, Roberto G. *Mateus versículo a versículo*. Comentários SBB para exegese e tradução. Tradução de Scholz. Barueri: SBB, 2013.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. Coordenação de tradução de Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.

FIORIN, José Luiz. Modalização: da língua ao discurso. *Alfa*, v. 44, São Paulo, p. 171-192, 2000.

JOSEFO, Flávio. *The Complete Works of Flavius Josephus*. Tradução de William Whiston em 1737. London: T. Nelson and Sons, Paternoster Row, 1860. Disponível em: [http://www.ultimatebiblelibrary.com/Complete\\_Works\\_of\\_Josephus.pdf](http://www.ultimatebiblelibrary.com/Complete_Works_of_Josephus.pdf). Acesso em: 4 ago. 2016.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1996 [1958].



SCHACH, Vanderlei Alberto. *Fariseus e Jesus: teologia e espiritualidade em relação ao sábado a partir de Mc 3:1-6: características e avaliação crítica*. 2007. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Escola Superior de Teologia, Instituto Ecumênico de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2007.

SILVEIRA, Marcelo. A dissociação das noções no Discurso Religioso (neo)pentecostal. In: MOSCA, Lineide do Lago Salvador (Org.). *Discurso Religioso: possibilidades retórico-argumentativas*. São Paulo: Fonte Editorial, 2016. p. 143-160.

WILSON, Benjamin. *The Emphatic Diaglott: containing the original Greek text of what is commonly styled the New Testament (according to the recension of J.J. Griesbach) with an interlineary word for word English translation; a new emphatic version, based on the interlineary translation, on the renderings of eminent critics, and on the various readings of the Vatican manuscript no. 1209 in the Vatican Library; together with illustrative and explanatory foot notes, and a copious selection of references; to the whole of which is added a valuable alphabetical appendix*. New York: Fowler & Wells, 1864.